

País está entre os que mais perdem vidas sadias na AL

Indicador é calculado tomando-se por base a diferença entre a idade em que ocorreu a morte e a expectativa de vida da pessoa na mesma época; estudo não considerou nações da África e Ásia

CARLOS FRANCO

RIO — O Brasil está entre os países das Américas que mais perde vidas sadias, indicador que é calculado tomando-se por base a diferença entre a idade em que realmente ocorreu o óbito e a expectativa de vida nessa mesma idade. Em 1990, por exemplo, o Brasil registrava 26 anos perdidos por cada mil habitantes, dados que podem ser comparados com 17 anos no México, 12 na Argentina, 15 no Uruguai e 13 no Chile. O trabalho levou em conta a América do Sul, a Central e a do Norte. Países da África e Ásia não foram considerados no estudo.

De acordo com a análise do pesquisador da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Ib Teixeira, que será publicada na próxima edição da revista *Conjuntura Econômica*,

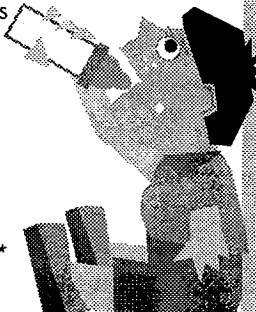
ca, essas estatísticas divulgadas no relatório do Banco Mundial (Bird) intitulado Investindo em Saúde, 1993, são resultado da abrupta queda no investimento em saúde no Brasil. Em 1980, o País gastava cerca de 32% do total em saúde. A mesma despesa caiu para 25,5% em 1991 e um ano depois registrado o nível mais baixo desde 1985, tendo caído 16,3% em relação a 1991 e 30,5% em relação a 1990.

A escassez de investimentos, avalia Teixeira, somada à queda no número de leitos e às sucessivas greves nos sistema público, "ora de médicos, ora do pessoal administrativo ou enfermeiros", agrava ainda mais o problema, comprometendo a média de vida que a população pode almejar.

Segundo dados pesquisados por Teixeira, o número de leitos por mil habitantes da rede pública

SAÚDE NO MUNDO			
Países	Anos de vida sadia perdidos - por mil hab.	Expectativa de vida - anos	Mortalidade infantil - por mil nascidos vivos
Japão	8	79	5
Estados Unidos	11	76	9
Coréia do Sul	10	70	16
Argentina	12	71	25
México	17	70	36
Brasil	26	66	60*

* Segundo o IBGE, este número pode chegar a 106
Fonte: Banco Mundial (Bird) e Fundação Getúlio Vargas



caiu de 1,03 em 1984 para 1 em 1989 e finalmente para 0,87 em 1990. Nem mesmo o setor privado escapou dessa redução: 3,26 leitos por mil habitantes em 1980 para 3,21 em 1984 e afinal 2,85 leitos em 1990. Esses números, contudo, avalia Teixeira, são ilusórios "se considerarmos que por conta das greves pode existir o leito, mas não o atendente do paciente".

Violência — Teixeira ressalva, contudo, que nas estatísticas de perda de vidas sadias no Brasil é necessário destacar as que ocor-

rem por homicídios dolosos, culposos, agressões traumáticas e acidentes automobilísticos que podem ser responsabilizados por até 20% das mortes das chamadas vidas sadias.

Só no Estado do Rio, revela ele, o número de vítimas da violência, em 1992, atingiu 8.800 em relação aos 2.501 de 1981. "Hoje, o Rio tem uma taxa de mortalidade por homicídios de 71,1 por 100 mil habitantes, que se compara com os 11,1 de Nova York, considerada uma das cidades mais violentas do mundo."

Hugo/ArtEstado